

— Parece que todos estão aqui, capitão — observou Thrawn, olhando através do visor da ponte de comando para as naves distribuídas ao longo das bordas do campo gravitacional emitido pelo cruzador interceptador. — Instrua o *Esmagador* e o *Sentinela* para deixar o trabalho de apreensão e assumirem suas posições na linha demarcatória. Todas as naves: preparar para atacar o inimigo.

— Sim, senhor — disse Pellaeon, balançando a cabeça maravilhado enquanto digitava as ordens.

Mais uma vez, contra todas as evidências, o Grande Almirante provou ter razão. A frota Rebelde chegara.

E, com certeza, estariam imaginando o que acontecera com seu truque.

— Me ocorre, Grande Almirante, que talvez não seja interessante destruir a todos — sugeriu ele. — Deveríamos permitir que alguém voltasse a Coruscant para dizer como foram vencidos pelos mais espertos.

— Concordo, capitão. Mas duvido que essa fosse a interpretação deles. E mais provável que concluem terem sido traídos.

— Provavelmente — concordou Pellaeon, olhando em volta a ponte de comando. — Mas isso também pode trabalhar a nosso favor.

Imaginara ter escutado um ruído, algo como um equipamento vibrando demais, ou alguém limpando a garganta com um som grave. Prestou atenção, mas o som não se repetiu.

— E verdade — admitiu Thrawn. — Acha que devemos designar a nave do almirante Ackbar para levar nossa mensagem?

Pellaeon sorriu. Ackbar. Que acabara de escapar da acusação de traição do conselheiro Borsk Fey'lya e de incompetência pelo ataque aos estaleiros de Sluis Van. Desta vez não escaparia com facilidade.

— Seria um belo toque, Grande Almirante.

— Obrigado, capitão.

Pellaeon olhou para Rukh, em guarda silenciosa atrás da cadeira de Thrawn e imaginou se o noghri conseguia apreciar a ironia da

situação. Como a espécie não tinha sofisticação alguma, não acreditava nisso.

A frente, o espaço estava enchendo-se de disparos, pois as esquadrilhas de caças se encontravam. Acomodando-se confortável no assento, Pellaeon observou seus monitores e preparou-se para a batalha. Para a batalha e para a vitória.

— Cuidado, Rogue Líder, tem dois na sua cauda — avisou Rogue Dois no ouvido de Wedge. — Rogue Seis?

— Estou com você, Rogue Dois. Golpe duplo no três. Um, dois...

Preparando-se, Wedge atirou o asa-X numa espiral em tesoura, o mais rápido que pôde. Os dois caças TIE, tentando alcançá-lo, e ao mesmo tempo não atirar um no outro, nem viram quando os asa-X assumiram posição atrás deles. Duas explosões mais tarde e Wedge estava livre.

— Obrigado, pessoal.

— Tudo bem. E agora?

— Não sei — admitiu Wedge, olhando ao redor.

Até então, o almirante Ackbar ainda conseguia manter seus cruzadores estelares em formação de combate. Porém pela forma como as naves de apoio periférico estavam sendo atingidas pelo Império, tudo poderia dissolver-se de um instante para outro. Nesse caso, as esquadrilhas de caça estariam por conta própria, acertando o que quer que conseguissem.

O que, de qualquer forma, correspondia ao que estavam fazendo agora. O truque seria arranjar alguma coisa que valesse a pena atingir...

Rogue Dois estava chegando a conclusões similares.

— Sabe, Rogue Líder, me ocorreu que aquelas naves não teriam tanto poder de fogo se fossem obrigadas a defender seus estaleiros ao mesmo tempo.

Wedge voltou o pescoço para observar um grupo de luzes à distância. Em silhueta contra eles, podiam divisar as linhas duras e escuras de pelo menos quatro estações Golan II de combate.

— Concordo. Mas acho que seria necessário algo mais do que um ataque de caças, mesmo sendo a famosa Esquadrilha Rogue...

— Comandante Antilles, aqui é o Centro de Comunicações da Frota — interrompeu uma voz impessoal. — Tenho um sinal codificado

e urgente, chegando num correio diplomático da Nova República. Quer se incomodar com o assunto?

— Correio diplomático codificado? Aqui?

— Suponho que sim, senhor, mas na verdade não sei. Vou ligar.

— Oi, Antilles — cumprimentou uma voz, familiar. — Que bom ver você de novo.

— O sentimento é mútuo, com certeza... *quem* está falando?

— Ora, que é isso? Já esqueceu aqueles momentos maravilhosos que passamos na cantina em Mumbri Storve?

— Mumbri Storve... *Aves*?

— Isso, assim está bom. Sua memória está melhorando.

— Vocês estão começando a ficar difíceis de esquecer — comentou Wedge. — Onde estão?

— Bem ao lado desse grupo de luzes fortes do Império, no seu flanco — informou Aves, com voz magoada. — Você bem que podia ter me dito que atacaria esse lugar ao invés de Tangrene.

— E eu gostaria que você tivesse me contado sobre o que era aquele seu trabalhinho — respondeu Wedge. — Fizemos um bom trabalho enganando um ao outro, não foi?

— Foi mesmo. Enganamos todo mundo, a não ser o Grande Almirante.

— E o que o levou a chamar? Foi só um contato social?

— Poderia ser. Ou não. Veja, em mais ou menos noventa segundos alguns de nós vão tentar apanhar o emissor CGT que pretendemos levar. Afinal, é uma rápida despedida. Depois saímos à força.

Sair à força de um estaleiro do Império. Ele dizia isso como se fosse fácil.

— Boa sorte.

— Obrigado. O motivo que estou mencionando isso, é que não importa qual direção a gente escolha. Mas poderia fazer diferença para você.

— Já que você mencionou, até que poderia — sorriu Wedge. — Como, por exemplo, se você saísse perto daquelas duas estações Golan e talvez acertar nelas por trás na saída?

— Parece uma boa rota para mim — concordou Aves. — Claro, vai ficar difícil fora do perímetro... todos aquelas naves trocando tiros por lá. Suponho que vocês poderiam nos escoltar daquele ponto em diante?

Wedge olhou para as luzes, pensando no assunto. Poderia funcionar, sim. Se o pessoal de Aves fosse capaz de acertar pelo menos uma das estações de combate, o estaleiro ficaria exposto aos ataques da Nova República. A menos que os homens do Império quisessem sacrificá-lo, teriam de destacar algumas naves para preencher a lacuna e perseguir as naves que tivessem penetrado.

E do ponto de vista dos contrabandistas, ter uma escolta de caças da Nova República para abrir caminho era a melhor cobertura que poderiam obter nas redondezas. Parecia uma troca justa.

— Negócio fechado — disse ele a Aves. — Me dê dois minutos para providenciar essa escolta.

— Uma *escolta amigável*, não se esqueça. Se é que entende o que eu digo — avisou Aves.

— Entendo o que você quer dizer. Não se preocupe, eu mantenho tudo em segredo.

A tradicional inimizade dos mon calamari pelos contrabandistas era voz corrente. Wedge não queria despertá-la mais do que Aves. Provavelmente fora esse o motivo de Aves ter vindo a ele ao invés e oferecer ajuda a Ackbar ou algum outro comandante da frota.

— Certo... Parece que lá vai a primeira carga. Vejo você depois. O canal foi desligado.

— Vamos até lá? — quis saber Rogue Onze.

— Vamos — confirmou Wedge, manobrando o asa-X para estibordo. — Rogue Dois, dê ao comando uma atualização breve e diga que precisamos de apoio. Não mencione Aves... diga que estamos coordenando uma ação com um grupo independente de resistência, no interior dos estaleiros.

— Certo, Rogue Líder.

— E se Ackbar resolver não arriscar? — indagou Rogue Sete.

Wedge olhou para as luzes do estaleiro. Mais uma vez, como já acontecera em tantas oportunidades, tudo se resumia a uma questão de

confiança. Confiança num garoto de fazenda, recém-chegado do interior, para liderar o ataque à primeira Estrela da Morte. Confiança num ex-jogador, que podia ou não ter experiência de combate, para liderar o ataque à segunda Estrela da Morte. E agora, confiança num contrabandista que poderia muito bem traí-lo por um bom preço.

— Não importa. Com ou sem apoio, vamos até lá.

O sabre-laser de Mara cortou impiedosamente o clone Luke. O clone caiu e sua arma retiniu no chão até imobilizar-se.

De repente a pressão na mente de Luke desapareceu.

Ele levantou-se em frente ao mecanismo do monitor que ainda soltava fagulhas, para onde atraía o inimigo e teve a impressão de respirar o primeiro ar limpo em várias horas. A provação terminara.

— Obrigado — disse ele, em voz baixa. Ela afastou-se do clone morto.

— Não tem de quê. A cabeça está clara agora?

Então ela conseguira sentir a pressão em sua cabeça. Pensou um pouco sobre isso.

— Está. E a sua?

Mara atirou-lhe um olhar entre meio divertido e meio irônico. Mas pela primeira vez desde que se conheceram, percebeu que não havia mais dor ou ódio nos olhos dela.

— Fiz o que ele queria que eu fizesse. Agora acabou. Luke olhou para o outro lado da sala do trono. Karrde amarrara as correias dos vornskr à grade da passarela destroçada e avançava com cautela. Han, já em pé, ajudava Leia, que parecia tonta ainda, a sair debaixo dos escombros.

— Leia? Você está bem? — quis saber Luke.

— Estou ótima... só um pouco tonta — respondeu ela. — Vamos sair daqui, sim?

Luke voltou-se para C'baoth. O velho Jedi fitava o clone morto, as mãos abrindo e fechando ao lado do corpo, e os olhos perdidos, sem o menor traço de sanidade.

— Vamos, sim. Mara?

— Vão na frente. Estarei com vocês em menos de um minuto.

Luke encarou-a.

— O que pretende fazer?

— O que acha? Terminar o serviço. Como eu devia ter feito em Jomark.

Lentamente, C'baoth levantou os olhos para ela.

— Vai morrer por isso, Mara Jade — afirmou ele, a voz baixa e ameaçadora. — Bem devagar e com dores horríveis.

Ele inspirou, fechou os olhos e cerrou as duas mãos à altura do peito.

— Isso é o que nós vamos ver — resmungou Mara. Levantou o sabre-laser e avançou contra ele. Começou com um tremor distante, mais sentido do que ouvido. Luke olhou ao redor da sala, os sentidos vibrando com a premonição do perigo. Mas não pode perceber nada ali. O som aumentou de intensidade e profundidade...

E com uma grande explosão, as secções da sala do trono acima dele e de Mara desabaram, numa chuva de fragmentos.

— Cuidado! — gritou Luke, usando os braços para proteger a cabeça e a nuca, e tentando saltar para longe.

Porém, o foco da tempestade de pedra moveu-se com ele. Tentou outra vez, dessa vez quase perdendo o equilíbrio quando seu pé ficou preso na camada já funda de britas pouco menores do que punhos. O número era grande demais para usar a Força e os pequenos projéteis continuavam caindo sobre ele. Através da poeira, enxergou Mara retorcendo-se num outro foco de queda de pedras, tentando cobrir a cabeça com uma das mãos, enquanto a outra brandia inútil o sabre-laser. Do outro lado da sala do trono, Luke escutou Han gritando alguma coisa, e supôs que eles também estariam sofrendo o mesmo tipo de ataque.

Incólume, sem ser atingido pela tempestade de pedras que provocara, C'baoth levantou as mãos.

— Sou o Mestre Jedi C'baoth! — gritou ele, a voz acima do troar no aposento. — O Império... o Universo... é meu.

Luke baixou seu sabre-laser de volta à posição, os sentidos repletos da sensação de perigo. Porém uma vez mais, o conhecimento não lhe trazia nenhum benefício. Os raios azulados que C'baoth emitiu atingiram de novo sua arma, o impacto desequilibrando-o e fazendo-o cair de joelhos. Enquanto lutava para levantar-se, uma das pedras atingiu-lhe o lado da cabeça. O corpo caiu de lado, apoiado numa das

mãos. Outra vez as terríveis faíscas azuladas foram projetadas das mãos do Mestre Jedi enfurecido. O sabre-laser foi arrancado de suas mãos; através de uma névoa ele o viu ser atirado para o outro lado da sala do trono.

— Pare! — gritou Mara. — Se vai todo mundo, faça isso de uma vez.

Luke percebeu que ela estava enterrada até os joelhos nas pedras, a lâmina movendo-se inutilmente, tentando afastá-las.

— Paciência, minha futura aprendiz. Você não pode morrer ainda. Não até que eu a leve até a câmara de clonagem do Grande Almirante.

Entre a nuvem de poeira, Luke notou o sorriso sonhador de C'baoth e a expressão desesperada de Mara.

— O quê?

— Eu previ que Mara Jade iria ajoelhar-se à minha frente — lembrou C'baoth. — Uma Mara Jade... ou outra.

— Está pronto — disse Lando, ligando o detonador à última carga. — Mais um pouco e estamos fora daqui.

Do outro lado da coluna de equipamentos, Chewbacca ros-nou seu assentimento. Apanhando o desintegrador, Lando ficou em pé, dando a cada uma das portas uma rápida olhada. Até então, tudo bem. Se pudessem manter os soldados fora só mais dois minutos, o suficiente para que ele e o wookie saíssem da plataforma de trabalho...

Chewbacca rugiu um aviso. Apurando os ouvidos, Lando percebeu o zunido malévolo do acoplador de fluxo negativo, já em posição.

— Ótimo, Chewie. Vamos indo — disse Lando, erguendo-se e caminhando para o outro extremo da ponte...

Quando a porta bem em frente explodiu.

— Cuidado! — gritou ele, atirando-se ao piso metálico.

Imediatamente começou a disparar contra a nuvem de fumaça que se evolava da abertura. As faíscas azuis dos desintegradores indicavam a potência controlada utilizada contra eles. Atrás dele, o som da besta de Chewbacca respondia, a intervalos regulares. Não tinham conseguido os dois minutos.

Colando o rosto ao metal do piso, Lando observou a estrutura da ponte. Os dois corrimãos finos, mas resistentes, apoiando os dois lados...

Era uma idéia maluca. Mas isso não significava que não funcionaria.

— Chewie, venha até aqui — chamou ele, rolando de lado e localizando o painel de controle, no alto da plataforma de trabalho. Controle de extensão... parada de emergência...

A ponte balançou quando Chewbacca caiu a seu lado.

— Mantenha-os ocupados — pediu Lando.

Com agilidade, pulou para cima, atingindo o controle de retração e parada de emergência, em rápida sucessão. A ponte retraiu-se o suficiente apenas para que os corrimãos se desengatassem.

Chewbacca rugiu sua pergunta, à medida que a ponte inclinava-se sob o peso dos dois.

— Você vai ver. Segure no corrimão e continue disparando. Enquanto duas portas mais explodiam, Lando encontrou um apoio firme e começou a disparar.

Mas não em direção aos soldados das tropas de choque que os atacavam, de toda a passarela. Os disparos foram dirigidos ao extremo da ponte, fazendo estragos no assoalho e na estrutura de sustentação. A ponte inclinou-se mais um pouco e Lando continuou atirando para destruir a sustentação. Ao lado, Chewbacca usou uma frase que Lando jamais escutara antes...

E com um ruído horrível de metal destroçado, a ponte ruiu. Ligada à passarela apenas pelos corrimãos, ainda intactos, girou para baixo. Lando agarrou-se ao metal enquanto sua posição passava de horizontal para vertical...

Com um impacto que lhe abalou o cérebro, a ponte bateu contra a grade, três andares abaixo.

— Nós ficamos aqui. Pule! — gritou ele, assim que conseguiu falar.

O aviso fora desnecessário. Vindo de uma espécie arborícola, o wookie já saltara e ainda auxiliou o pulo de Lando. Começaram a correr.

Estavam a meio caminho da porta de saída, abrigando-se entre as fileiras de cilindros spaarti, quando a coluna central explodiu.

As cargas foram as primeiras, arrebatando feixes de cabos e canos, e produzindo uma série de bolas de fogo ao redor da coluna. Uma nuvem de fumaça misturava-se aos nutrientes vaporizados e à poeira,



num rodaminho de aparência doentia; por todos os lados, fluidos opacos e multicoloridos começaram a espirrar. A plataforma de trabalho onde haviam pisado saiu dos suportes e deslizou ao longo da coluna, rasgando e danificando mais equipamento ao longo da queda. Do interior da nuvem veio o ruído de estalidos dos circuitos abertos, provocando explosões secundárias na coluna central.

Os grandes suportes da base cederam com um guincho desagradável e pedaços enormes de equipamento caíram, aumentando a destruição.

Chewbacca rosnou.

— Nem eu. Vamos sair logo daqui — respondeu Lando. Dez segundos mais tarde, passando com facilidade pelo único guarda deixado naquele andar, haviam saído. Estavam a dois corredores de distância quando sentiram a vibração provocada pela queda da coluna central na caverna.

Lando só parou para orientar-se quando atingiram um corredor lateral. Toda a área parecia deserta; Artoo fizera um bom trabalho na redistribuição das tropas inimigas.

— A saída fica naquela direção — disse ele por fim, tirando o comunicador do cinto. — Vamos avisar os outros e cair fora daqui.

Pressionou o controle para falar com Han... E um troar alto, parecido com interferência, soou no aparelho.

— Han?

— Lando? — respondeu uma voz quase inaudível por causa do barulho.

— Isso. O que está acontecendo por aí?

— Esse Jedi maluco está derrubando o teto em cima de nós — berrou Han. — Leia e eu temos proteção, mas ele pegou Luke e Mara em espaço aberto. Onde está você?

— Perto da caverna de clonagem. Quer que a gente vá ajudar? — ofereceu Lando.

Se a teoria da ressonância arritmica funcionasse, um dos reatores da montanha iria começar a apresentar instabilidades.

— Não se incomode — afirmou a voz de Karrde. — Já tem uma pilha enorme de pedras na frente da porta do turboelevador. Parece que vamos ficar aqui para sempre.

Chewbacca rugiu, exprimindo sua frustração.

— Esqueça, Chewie, você não pode fazer nada — declarou Han. — Ainda temos Luke e Mara... talvez consigam pará-lo.

— E se não conseguirem? — indagou Lando, um bolo formando-se no estômago. — Escute... vocês não têm muito tempo... acho que provocamos uma ressonância arrítmica no âmago do reator.

— Ótimo. Isso significa que C'baoth também não vai sair — disse Han.

— Han...

— Vamos, saia logo daí — interrompeu Han. — Chewie, foi ótimo; mas se não conseguirmos sair daqui, alguém além de Winter precisa cuidar de Jacen e Jaina. Entendeu bem?

— O *Wild Karrde* deve estar no lugar por onde entraram — disse Karrde. — Estão esperando vocês.

— Certo. Boa sorte — desejou Lando, os dentes cerrados com força.

Desligou e enfiou o comunicador de volta ao cinto. Han tinha razão, não havia nada que pudessem fazer contra C'baoth de onde estavam. Mas com os canhões turbolaser do *Wild Karrde* e as plantas de Artoo...

— Vamos indo, Chewie — disse ele, começando a correr.

— Ainda não acabou.

— Talvez seja para melhor — murmurou C'baoth, olhando triste para Luke ao aproximar-se dele.

Piscando em virtude da poeira nos olhos, Luke olhou para o velho Jedi, tentando controlar a agonia que se formava em seu interior.

Sentia o peso da derrota. Ajoelhado no chão, preso nas pedras até a cintura, e embaixo da chuva incessante, enfrentava um Mestre Jedi que desejava matá-lo...

Mas, não. *Um jedi precisa agir quando está calmo. Em paz com a Força.*

— Mestre C'baoth, escute — disse ele. — O senhor não está bem. Sei disso. Mas posso ajudá-lo.

Uma dezena de expressões cruzou o rosto de C'baoth, como se ele estivesse experimentando várias emoções em seguida.

— É mesmo? E por que você faria isso por mim?

— Porque você precisa — afirmou Luke. — E porque precisamos de você. Você tem muita experiência e poder, que podia usar para o bem da Nova República.

— O Mestre Jedi Joruu C'baoth não serve aos inferiores, Jedi Skywalker.

— Por quê não? Todos os grandes Mestres Jedi da Velha República fizeram isso...

— E foi o erro deles — cortou C'baoth, apontando um dedo para Luke.

— Por isso os seres inferiores se rebelaram e acabaram com eles.

— Mas eles não...

— Chega! — rugiu C'baoth. — Não interessa por que você acha que as pessoas precisam de mim. Sou *eu* quem decide isso. Eles aceitarão minha lei, ou morrerão. Você teve essa escolha, Jedi Skywalker. E mais... você poderia ter reinado a meu lado. Ao invés disso, preferiu a morte.

Luke sentiu uma gota de suor ou sangue escorrer pelo rosto.

— E quanto a Mara?

O Mestre Jedi balançou a cabeça, numa negativa.

— Mara Jade não é mais problema seu. De agora em diante, eu lido com ela. E vou fazer isso mais tarde.

— Não vai, não. Vai fazer isso *agora* — disse ela.

Luke olhou para ela. As pedras ainda caíam sobre sua cabeça, mas a pilha que a prendia havia sumido. Para espanto seu, constatou que ela não estivera cortando as pedras com a arma, e sim o assoalho; isso provocara o escoamento das pedras para o espaço abaixo.

Levantando o sabre-laser, ela atacou.

C'baoth girou para enfrentá-la, o rosto contorcido pela raiva.

— Não! — Gritou ele.

De novo, as faíscas azuladas brotaram de seus dedos. Mara apanhou a carga com o sabre-laser, interrompendo a corrida à medida que era envolvida por um contorno azulado. C'baoth continuou emitindo as faíscas enquanto recuava na direção do trono e Mara se manteve avançando devagar, num esforço doloroso.

Repentinamente a queda de pedras sobre ela cessou. Da pilha que cercava Luke, vários pedaços voaram na direção de C'baoth, passando por trás dele e partindo direto para o rosto de Mara. Ela inclinou-se para trás, apertando os olhos e defendendo-se com o cotovelo do braço livre.

Luke cerrou os dentes, realizando um esforço para afastar as pedras que lhe tolhiam os movimentos. Não podia deixar que Mara lutasse sozinha contra ele. Porém a tentativa não resultou em nada; os músculos ainda estavam enfraquecidos pelo último ataque de C'baoth. Tentou outra vez, ignorando a dor que lhe percorreu o corpo. Olhou para Mara...

E percebeu que o rosto dela se alterou. Franziu a testa, e escutou a voz de Leia, falando na mente dela...

*Mantenha os olhos fechados Mara e escute minha voz. Posso enxergar; vou guiá-la.*

— Não! — gritou C'baoth. — Não! Ela é minha.

Luke olhou para o outro lado da sala do trono, imaginando o que C'baoth poderia fazer contra Leia. Mas não aconteceu nada. Mesmo as pedras haviam cessado de cair ali. Talvez a longa batalha estivesse começando a drenar a energia de C'baoth e ele não podia mais arriscar-se a dividir a atenção.

Além da passarela, meio enterrado na pilha de pedras que agora bloqueava a porta do turboelevador, Luke divisou o brilho metálico de seu sabre-laser. Se pudesse trazê-lo para ajudar Mara...

Então outro movimento captou a atenção de seus olhos: amarrados à passarela e incólumes, os dois vornskr de Karrde tentavam libertar-se das correias. Olhavam, raivosos, na direção de Mara e C'baoth.

Um vornskr selvagem quase matara Mara durante o trajeto pela floresta de Myrkr. Parecia justo que agora ajudassem a salvá-la. O sabre-laser moveu-se sob seu comando e elevou-se no ar, livre da pilha de pedras, a lâmina verde e brilhante produzindo faíscas nas pedras que tocava. Luke aumentou sua força e a arma veio pelos ares em sua direção.

Ao passar pela passarela, a trajetória da lâmina passou pelas correias esticadas dos dois predadores.

C'baoth percebeu que eles vinham, claro. Estava com as costas quase na parede atrás do trono, e dispersou sua atenção, enviando uma descarga na direção dos vornskr quando atingiram a escadaria. Um deles uivou, encolheu-se e caiu ao chão, o outro vacilou, mas continuou avançando.

Essa distração era tudo o que Mara precisava. Ela saltou para a frente com as pedras ainda batendo contra o rosto, cobrindo a distância até C'baoth; ele voltou-se procurando em desespero atingi-la.

Mara caiu de joelhos e impulsionou o sabre-laser para cima.

Com um último gemido, C'baoth cambaleou...

E assim como acontecera com o Imperador na Estrela da Morte, a energia do lado negro que havia nele explodiu numa bola de fogo azulado.

Luke estava preparado. Usando cada reserva de suas forças, agarrou Mara com a Força, afastando-a do estouro de energia tão rápido quanto pôde. Sentiu a onda de impacto chegar e só veio algum alívio quando Leia juntou-se a ele.

De repente, tudo terminara.

Por um bom tempo ele permaneceu onde estava, lutando contra a inconsciência e procurando respirar. Vagamente, percebeu que retiravam as pedras à sua volta.

— Você está bem, Luke? — indagou Leia.

Forçou-se a abrir os olhos. Cobertos de pequenos arranhões e poeira, não melhoraram muito sua visão.

— Estou bem — respondeu ele, ajudando a retirar as últimas pedras de sobre as pernas. — E os outros?

— Não estão mal — afirmou ela, ajudando-o a levantar-se. — Mas Han vai precisar de tratamento médico. Está bastante queimado.

— Mara também — disse Karrde, subindo os degraus com Mara no colo, inconsciente. — Precisamos levá-la para o *Wild Karrde* o mais rápido possível.

— Nesse caso, ligue para eles — sugeriu Han, ajoelhado ao lado do clone morto. — Diga para virem nos apanhar.

— Nos apanhar onde?

— Bem ali — disse Han, apontando o local onde C'baoth morrera.

Luke voltou-se e olhou. A enorme descarga do lado negro da Força havia destroçado aquele trecho da sala do trono. As paredes e o teto ficaram escurecidos como se queimados; o metal onde C'baoth pisara estava torto e meio derretido; o trono em si fora arrancado e estava a um metro de sua base.

E na escuridão além, através da cratera formada na parede traseira, ele enxergou o brilho cintilante de uma estrela.

— Certo — concordou Luke, respirando fundo. — Leia?

— Estou vendo — disse ela passando-lhe o sabre-laser e apanhando o próprio. — Vamos ao trabalho.

As duas fragatas de assalto rebeldes irromperam uma de cada lado da estação de combate Golan II, atirando cargas completas desde a chegada. Uma secção da estação apagou-se; contra esse fundo escuro destacou-se a nova onda de caças rebeldes espalhando-se pelo estaleiro mais além.

Pellaeon não sorria mais.

— Não entre em pânico, capitão — disse Thrawn, ele mesmo soando desanimado. — Não estamos derrotados ainda. Nem de longe.

O console emitiu seu sinal. Pellaeon olhou na direção do som.

— Senhor, estamos recebendo uma mensagem prioritária vinda de Wayland — anunciou ele a Thrawn, um horrível pressentimento começando a formar-se. Wayland... a fábrica de clones.

— Leia, capitão.

— Está sendo decodificada. Começa a chegar, senhor — disse Pellaeon, ansioso, com os dedos tamborilando no console. Era o que ele temia. — A montanha está sendo atacada, senhor. Duas forças diferentes de nativos, mais um grupo de sabota-dores rebeldes, mais... — interrompeu-se, incrédulo. — Um grupo noghri...

Nunca chegou a terminar de ler aquele relatório. De repente surgiu do nada a mão de pele escura, que o golpeou na garganta.

O corpo caiu sobre o assento, flácido.

— Pela traição do Império contra o povo noghri — disse baixo a voz de Rukh. — Fomos traídos. Agora nos vingamos.

Num sussurro de movimento, ele se foi. Ainda tentando respirar e lutando contra a inércia de seus músculos, Pellaeon lutou para erguer a mão até o console. Com um esforço desesperado, acabou conseguindo apoiá-la na borda. Em três tentativas conseguiu disparar o alarme de emergência.

Enquanto a sirene uivava no interior do destróier estelar, no meio da batalha, o capitão conseguiu virar a cabeça para o lado do Grande Almirante.

Thrawn estava sentado ereto em seu lugar, com o rosto calmo. No meio do peito, uma mancha vermelha espalhava-se ao longo do branco impecável do uniforme de Grande Almirante. No centro da mancha brilhava a ponta da faca de Rukh.

Thrawn percebeu que ele estava observando e para seu espanto, sorriu.

— Foi feito com arte — murmurou ele.

O sorriso desapareceu. O brilho nos olhos vermelhos esmaeceu... e Thrawn, o Grande Almirante, se foi.

— Capitão Pellaeon? — chamou o oficial de comunicações.

— O *Nêmesis* e o *Tempestade* estão pedindo ordens. O que eu digo a eles?

A equipe médica entrou no aposento, correndo tardiamente para o assento do Grande Almirante. Pellaeon voltou os olhos para o visor. Em meio ao caos que irrompera atrás das linhas de defesa supostamente seguras do estaleiro; viram-se perante a necessidade de dividir as forças para a defesa planetária, e os Rebeldes aproveitaram a oportunidade. Num piscar de olhos, as coisas haviam tomado um rumo oposto.

Thrawn ainda podia extrair dali uma vitória para o Império. Mas ele, Pellaeon, não era um Grande Almirante.

— Sinalize a todas as naves — articulou ele, com dificuldade. A dor incomodava, mas parecia desligada de seu corpo.

— Preparem-se para a retirada.